



III Jornada Internacional
Semântica e Enunciação



2021



PROPOSTA DO SIMPÓSIO TEMÁTICO:

AS (IN)VISIBILIDADES DA VIOLÊNCIA NO DISCURSO CONTEMPORÂNEO BRASILEIRO

Aracy Ernst (UFPEL)

Luciana Vinhas (UFPEL)

RESUMO: A proposta tem o objetivo de compreender como o discurso da violência relaciona-se com as condições de produção sócio-históricas do contexto brasileiro atual, permitindo-nos analisar enunciados da ordem do político, do cultural e do ideológico que se caracterizam, muitas vezes, por processos sutis de exclusão. Descrever e interpretar, a partir de materialidades discursivas, as (in)visibilidades que as caracterizam, profundamente radicadas no âmago do sistema político e econômico que nos domina, torna-se fundamental para o entendimento desse fenômeno contínuo e ininterrupto, cujos sinais patológicos ameaçam enfartar a ordem social e a integridade moral e ética dos sujeitos. Acreditamos que a violência da linguagem, materializada nos discursos atuais, apresenta configurações específicas, decorrentes, de certa forma, de sua inscrição entre as coisas (auto)evidentes e *naturais*. Mostrar como esse "automatismo" funciona na instância discursiva, explicitando as relações de domínio e de poder da linguagem que mantêm os processos discursivos que lhes dão sustentação, não é só importante, mas necessário nas condições políticas atuais. Os trabalhos que comporão o simpósio, a partir da descrição e interpretação de diferentes materiais de análise, apresentarão uma articulação entre discurso e violência com base na concepção de discurso da Análise de Discurso na tradição dos estudos de Michel Pêcheux. Os enunciados analisados por essa perspectiva teórico-analítica podem ser produzidos a partir de diferentes campos discursivos, podendo trabalhar com efeitos de sentidos ligados a relações de classe, de raça e, também, de gênero. A estrutura jurídica, política e ideológica da formação social brasileira atual parece estar sustentada por um discurso dominante que autoriza a reprodução de saberes vinculados à intolerância e à opressão daqueles que “não têm parcela”, ou seja, daqueles que ocupam uma posição política, ideológica e de classe considerada *dominada*, instituindo, através da atuação dos aparelhos de Estado, a naturalização de relações de produção baseadas na exploração/subjugação e, com isso, possuindo efeitos no aumento nos registros de diferentes tipos de violência. Esse discurso naturalizado pelo excesso tem efeitos trágicos nos processos de interpelação-identificação, aproximando, cada vez mais, a nossa configuração social da barbárie.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso. Violência. Político. Ideologia.



III Jornada Internacional
Semântica e Enunciação



2021



RESUMOS APROVADOS:

**“EM BRIGA DE MARIDO E MULHER, QUEM METE A COLHER?”: ANÁLISE
DE POSTAGENS NO FACEBOOK SOBRE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA**

Ana Cecília Trindade REBELO (PPGL-UERJ/CAPES)
anacecilia.rebelo@gmail.com

RESUMO: A rede social Facebook, assim como outros espaços do mundo digital, pode ser considerada como um palco de embate entre discursos antagônicos, no qual se poderia observar disputas de sentidos acerca de questões que circulam na sociedade contemporânea. Um exemplo de tais movimentos passa por postagens e respectivos comentários que narram situações de violência contra a mulher. Em tais narrativas, é possível perceber tanto o embate sobre o que (não) poderia ser considerado como uma violência e sobre como é construída a imagem do sujeito que passa por tais situações (se é tratado como vítima, como de certa forma responsável pelo que aconteceu, como tendo direito à voz e à contestação do que aconteceu, ou como somente um corpo que é determinado por seu exterior, sem voz ou dizeres sobre o que vivencia em sociedade), quanto a quais redes de sentidos os diferentes dizeres se encontram entrelaçados (e aí teríamos diferentes redes de sentidos que poderíamos denominar como conservadoras, tradicionais, cristãs, patriarcais, machistas, capitalistas, etc.). Para observar tais movimentos, utiliza-se como ponto de partida para a pesquisa e constituição do corpus as hashtags utilizadas nas postagens e respectivos comentários que serão posteriormente selecionados e recortados. Hashtags são utilizadas na internet para identificar postagens relacionadas a um tópico específico, sendo compostas pela palavra-chave do assunto antecedida pelo símbolo cerquilha (#), funcionando como indexadores para facilitar buscas por uma informação específica dentro da internet. Nos últimos anos, é possível observar uma intensificação da utilização de tais indexadores para, entre outros motivos, trazer a uma esfera de discussão pública produções de efeitos de sentidos sobre o que poderia ser considerado como uma busca por conscientização sobre diferentes problemas sociais, como em nosso caso específico o de violência contra mulheres a partir de narrativas normalmente mantidas na esfera privada, postagens essas que se utilizam de chamadas como #violenciadomestica, entre outras. Para o presente trabalho recortamos uma postagem no Facebook que se utiliza da hashtag mencionada e seus comentários em resposta, todos postados no ano de 2016, para compor nosso corpus de análise. A partir da base teórica da Análise do Discurso Materialista (de acordo com Pêcheux e Orlandi, principalmente), observamos os movimentos de disputa de sentidos sobre as imagens de mulher e de violência doméstica. Propomos assim uma reflexão sobre as condições de existência de um sujeito mulher em nossa sociedade atual, considerando as forças em disputas e alianças que atuam sobre tal sujeito.

PALAVRAS-CHAVE: Análise do Discurso. Mídias digitais. Violência contra a mulher. Violência doméstica.

**O FALSEAMENTO DA PALAVRA E A VALIDAÇÃO DA VIOLÊNCIA: O
DISCURSO POLÍTICO BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO
SOBRE A AMAZÔNIA**

ERNST, Aracy (UFPEL)
aracyep@gmail.com

RESUMO: A presente proposta visa refletir sobre os processos discursivos de grande repercussão nas mídias sociais, operados por políticos ligados ao atual governo brasileiro, que vem atribuindo a devastação da Amazônia a ações criminosas das ONGs, às comunidades indígenas, aos hábitos culturais dos habitantes das regiões afetadas, a um plano de países da Europa com vistas a sua ocupação, à própria natureza, etc. Interessa analisar os processos de significação implicados nas formulações constituintes desses processos, cuja circulação e repetição possuem um *modus operandi* de obscurecimento das contradições através das quais a história se constroi sob o que Pêcheux chama de "a repetição das memórias "estratégicas". (2009, p. 25) Essas memórias estratégicas organizam os mecanismos simbólicos de reprodução responsáveis pela farsa e pela tragédia que vêm dominando, nos últimos anos, o cenário político brasileiro com repercussões concretas e nefastas na sociedade e no meio-ambiente e têm, no falseamento da palavra, o seu fio condutor. Tal processo de falseamento da palavra implica um discurso governamental de enfrentamento a outro discurso, em que a questão do "desenvolvimento econômico" é priorizada na prática política em detrimento da questão da "proteção ambiental". No entanto, a prática discursiva caracteriza-se pelo "efeito de simulação" que atribui a responsabilidade da devastação da Amazônia a outras causas e não ao atual governo. Em face desse fato, a questão central a que se visa responder é a seguinte: como se constitui esse discurso político de falseamento da palavra e consequente validação da violência sobre a Amazônia? Responder a essa questão implica necessariamente reconhecer que as condições de formação, produção e circulação dos discursos na esfera do político, estabelecem um novo tipo de laço social constituído de processos discursivos específicos, no caso da conjuntura política atual, em que a "verdade" é sempre provisória e instável. O discurso político atual materializa-se, pois, em narrativas contorcionistas que desdizem o dito e a realidade factual e cujas implicações impactam a ética, a moral e a linguagem. Estudar sua constituição é o objeto deste trabalho.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso político. Falseamento da palavra. Violência. Meio ambiente.

**SUJEITOS QUASE, SUJEITOS SEMPRE: FORMAÇÃO IDEOLÓGICA,
FORMAÇÕES DISCURSIVAS E POSIÇÕES-SUJEITO
NOS DISCURSOS LGBT+**

Lucas Carboni VIEIRA (UFRGS - GPEAD¹)
carboni.vieira@gmail.com

RESUMO: Nesta pesquisa, seguimos pelos caminhos teóricos da Análise de Discurso de Michel Pêcheux – disciplina de entremeio na qual descobrimos uma forma de conhecimento e um espaço de resistência. Ela corresponde à materialização de um gesto analítico comprometido com a compreensão dos sentidos produzidos por sujeitos que se constituem na movência. Seu objetivo geral é explicitar os gestos de interpretação dos sujeitos LGBT+, seus processos de identificação e suas filiações de sentidos, descrevendo a relação do sujeito com as memórias deste campo. Com este objetivo estão articulados três objetivos específicos: (a) realizar uma “escuta discursiva” de experiências das pessoas LGBT+, compreendendo os movimentos de estabilização/desestabilização das redes de sentidos; (b) compreender os dizeres dos sujeitos LGTB+ acerca de si mesmos desde suas condições de produção; e (c) analisar os processos pelos quais sujeitos e sentidos se (des)fazem, considerando a heterogeneidade constitutiva. Afetados, de modo contraditório e tenso, pela normatividade e pela insistência em existir apesar dela, tais sujeitos se constituem a partir de sua identificação, ou não, com saberes circulantes em Formações Discursivas antagônicas que nomeamos Formação Discursiva Inferno Social (FDIS) e Formação Discursiva Liberdade Pessoal (FDLP), sendo ambas manifestação de uma Formação Ideológica dos Costumes. A FDIS precisa tornar evidente o “impossível de ser LGBT+”. Assim funciona a ideologia. Porém, a FDLP toca suas porosas fronteiras. Certa rede de sentidos sofre perturbações. Nos movimentos discursivos dos sujeitos entre o fogo do inferno social e as alegrias da liberdade pessoal, os sentidos já estabelecidos de preconceito e discriminação são arranhados de tal forma que se estilhaçam. Ressoam, da relação de forças entre as formações discursivas, quatro efeitos de sentido principais: Efeito de Sentido de Expurgo associado ao afastamento do convívio social, à solidão; Efeito de Sentido de Cerceamento vinculado ao efeito controlador da normatividade, que busca imputar ao próprio sujeito a razão da violência discriminatória de que é alvo; Efeito de Sentido de Esperança sustentado pela crença em um devir de felicidade, apesar da sociedade, apesar da violência; Efeito de Sentido de Humanidade relacionado à complexidade dos LGBT+. Estes sujeitos, afetados pela discriminação, constituem-se no movimento, de forma heterogênea, assumindo diversas posições-sujeitos, por vezes, em conflito entre si. Este assumir de diversas posições revela a constituição dividida do sujeito que, deslizando entre posições, materializa nos seus enunciados a correlação de forças sócio-históricas que o marcam como um sujeito afetado pela ideologia.

PALAVRAS-CHAVE: Michel Pêcheux. Análise de Discurso. LGBT+.

AQUELE QUE NÃO PODE E NÃO DEVE TER FILHO GAY:
O PROCESSO DE INSTITUCIONALIZAÇÃO DA HOMOFOBIA NO BRASIL

Luciana Iost VINHAS (UFPEL)
lucianavinhas@gmail.com

RESUMO: A edição de junho de 2011 da Revista Playboy contou com uma entrevista com o então deputado federal Jair Messias Bolsonaro. A entrevista, intitulada “Uma conversa franca com o deputado federal mais intransigente do Brasil”, filiado ao PP do Rio de Janeiro, ocorreu meses após sua aparição no programa CQC respondendo a perguntas de Preta Gil. Concedida ao editor Jardel Sebba, a entrevista foi publicada em sete páginas, contendo perguntas que abrangeram homossexualidade, tortura e sexo anal. Ao trazermos a entrevista como corpus para a presente investigação, consideramos os seguintes princípios que subsidiam a Análise de Discurso teórica e analiticamente: (i) o processo de interpelação ideológica do indivíduo em sujeito envolve a identificação de gênero e de sexualidade (ZOPPI-FONTANA; FERRARI, 2017); (ii) as identificações de gênero e de sexualidade têm relação com elementos de ordem sócio-histórico-ideológica e, também, inconsciente; (iii) as identificações de gênero ganham corpo através de práticas, linguísticas ou não, cujos efeitos de sentido circulam e se prendem a subjetividades que os reproduzem e/ou os questionam; (iv) linguisticamente, podemos identificar marcas através das quais é possível acessar o funcionamento dos processos discursivos vinculados às identificações de gênero e de sexualidade. Com base nesses pressupostos, a reflexão aqui proposta envolve corpo, discurso, gênero e sexualidade ao promover a análise de recortes da entrevista citada. Um primeiro efeito que surge a partir do processo de descrição e interpretação do corpus é referente à atualidade do discurso bolsonarista, o qual se mantém vinculado àquilo que será denominado, a partir da prática analítica, formação discursiva fascista. Desse modo, ao problematizar o discurso do atual Presidente da República no que concerne, especificamente, ao seu posicionamento com relação à homossexualidade, o estudo almeja contribuir para discussões de natureza teórico-política, considerando que o trabalho com os processos discursivos promove a reflexão sobre relações políticas, ideológicas e de classe estabelecidas pelo funcionamento linguístico. O debate torna-se necessário ao se considerar a República Brasileira governada por um homem branco autodeclarado heterossexual que promove a institucionalização de práticas de controle do gênero e da sexualidade (fascistas, portanto), ferindo os princípios constitucionais que regem a mesma República. Compreende-se, no funcionamento do discurso fascista, a equivalência entre gênero e sexo, como se só pudesse existir uma sexualidade possível oriunda de um corpo possível, o que gera enunciados como “prefiro que morra num acidente do que apareça com um bigodudo por aí. Para mim ele vai ter morrido mesmo”.

PALAVRAS-CHAVE: Homofobia. Violência. Discurso fascista.

MARIELLE VIVE: POLÍTICA, VIOLÊNCIA SIMBÓLICA NAS REDES SOCIAIS E RESISTÊNCIA

Luisa DA SILVA HIDALGO (Universidade Federal de Pelotas)
luisa.hidalgo@hotmail.com

RESUMO: No dia 14 de março de 2018, no Estácio, região central do Rio de Janeiro, a vereadora Marielle Franco, do Partido Socialismo e Liberdade (PSol), e seu motorista, Anderson Gomes, foram brutalmente assassinados. O assassinato da vereadora causou grande comoção por todo o Brasil. Inúmeras manifestações de indignação e mobilizações de luta por justiça ocorreram desde a morte da vereadora. Por outro lado, muitas manifestações de violência simbólica surgiram em relação ao fato, inclusive em redes sociais como *Facebook* e *Twitter*. Neste trabalho busco refletir a respeito de uma destas manifestações de violência que se materializou através de um comentário na rede social *Facebook*, na página do jornal pelotense “Diário Popular”, a qual noticiou um ato ocorrido na cidade de Pelotas-RS em memória de Marielle no dia em que completou um ano de seu assassinato. Além de homenagear a memória da vereadora, o ato cobrou das autoridades respostas a respeito dos mandantes do crime (até hoje desconhecidos). Espaços de interação virtual como o *Facebook* propiciam de alguma forma a reprodução de manifestações de violência simbólica e de discursos de ódio. Pensar em questões de violência simbólica e em seus efeitos de sentido (re) produzidos em uma rede social, cuja quantidade de usuários é tão expressiva, torna-se relevante na conjuntura política a qual estamos vivendo hoje, onde manifestações de violência (não apenas a simbólica) parecem estar legitimadas. Para refletir acerca de uma das manifestações de violência simbólica e os efeitos de sentido (re) produzidos por ela na referida rede social, apoio-me nas bases epistemológicas da Análise de Discurso de linha francesa, fundamentada por Michel Pêcheux. Mobilizo neste trabalho (entre outros conceitos propostos pela teoria) a questão da memória discursiva, conceito que permitiu-me construir um caminho através de acontecimentos históricos, políticos e sociais (atravessados pela ideologia) levando-me a formular hipóteses a respeito dos atos de violência simbólica relacionados à Marielle. Por se tratar de uma mulher, negra, lésbica e oriunda da favela, que ocupava um espaço político geralmente ocupado por homens, heterossexuais, brancos e de classe média, torna-se importante pensar também em questões de gênero, raça e classe, percebendo o funcionamento dessas questões no discurso.

PALAVRAS-CHAVE: Marielle Franco. Violência Simbólica. *Facebook*. Discurso.

**VIOLÊNCIA E PAZ NA LEI DE DIRETRIZES E BASES (LDB) E PLANO
NACIONAL DE EDUCAÇÃO (PNE): O DISCURSO CONTRA
A VIOLÊNCIA NAS POLÍTICAS EDUCACIONAIS**

Rafael Trentin SCREMIN (IFRN)
rafael.scremin@ifrn.edu.br

RESUMO: O termo paz nunca foi usado tão frequentemente e de maneira tão superficial como em nossa sociedade atual, é difícil encontrar alguém que seja contra a paz, mas afinal será que conseguimos conceituar o que é paz? Por isso levantamos a seguinte problemática, qual o entendimento de paz o ambiente escolar? Realizamos o levantamento do estado da arte utilizando o portal de periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), e filtrando apenas em teses, foram encontradas 23 teses utilizando o termo “cultura de paz” e 09 teses utilizando o termo “educação para a paz” e após leitura e análise de todas elas é importante destacar que o termo foi utilizado de maneira complementar, como se fosse algo com conceito já definido e estabelecido academicamente. O termo cultura de paz aparece oficialmente em 2014 no Plano Nacional de Educação – PNE (2014-2024) e na Lei 13.663, DE 14 DE MAIO DE 2018 que altera o art. 12 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, para incluir a promoção de medidas de conscientização, de prevenção e de combate a todos os tipos de violência e a promoção da cultura de paz entre as incumbências dos estabelecimentos de ensino, e é justamente a partir dessa oficialização que os conflitos em relação a paz começam a tencionar o seu entendimento. Tendo em vista as medidas presentes na Lei 13.663, como “X - estabelecer ações destinadas a promover a cultura de paz nas escolas.” (NR), e também em relação à Meta 7 do Plano Nacional de Educação – PNE (2014-2024), especificamente 7.23., “Garantir políticas de combate à violência na escola, inclusive pelo desenvolvimento de ações destinadas à capacitação de educadores para detecção dos sinais de suas causas, como a violência doméstica e sexual, favorecendo a adoção das providências adequadas para promover a construção da cultura de paz e um ambiente escolar dotado de segurança para a comunidade”, A presente pesquisa tem o objetivo de discutir o entendimento de paz no ambiente escolar. O perfil teórico-metodológico adotado foi o método hermenêutico em Paul Ricoeur (1996, 2011, 2015), tendo em vista a importância de um trabalho hermenêutico em relação a um tema que remete a dicotomia do simbolismo e da racionalidade científica.

PALAVRAS-CHAVE: Violência. Paz. LDB. PNE.

“NÃO É CULPA TUA”: ECOS DE ESCOLHA E APRISIONAMENTO QUE ESTILHAÇAM OS DOCENTES

Valéria da Silva SILVEIRA (UFRGS)
provaleria@gmail.com

RESUMO: Neste estudo, apresento resultados de pesquisa que nasceu de certa inquietação: por que o docente permanece na escola mesmo diante de tantos ataques? Os discursos analisados foram produzidos em setembro de 2018 por quatro professoras dos anos finais do ensino fundamental que atuam em escola da rede pública localizada no litoral do Rio Grande do Sul. Foi planejado e realizado um grupo focal como parte da investigação. A pesquisa objetivou: (a) perceber os sentidos de docência que reverberam nos discursos docentes; (b) identificar, nos dizeres das interlocutoras da pesquisa, vestígios de seus modos e estratégias de permanência na escola bem como as posições-sujeito assumidas; (c) reconhecer, em marcas linguísticas de referência, ditos e não-ditos, efeitos de sentidos que se articulam à condição de mal-estar docente, rastros de memórias discursivas referentes ao magistério que ressoam como denúncias sobre a condição de ser docente na atualidade. Como caminho teórico-metodológico, sigo a Análise de Discurso francesa de Michel Pêcheux. Os sentidos de mal-estar docente se revelaram dominantes: ser professor implica estar no mal-estar e isso institui laços identitários. No entanto, apesar dessa dominância, a Formação Discursiva se mostrou heterogênea, havendo nela espaço para a entrada e circulação de diferentes saberes, por vezes antagônicos, do que resultou uma “perturbação” que possibilitou assinalar posições que o sujeito assume em seu discurso. Dos gestos de análise de setenta e quatro enunciados derivou a identificação de dez posições-sujeito associadas a cinco famílias parafrásticas inscritas em uma Formação Discursiva Pedagógica Docente que materializa a Formação Ideológica Escolar. Sentidos e sujeitos se constituem na movência. Ao mesmo tempo em que foram surpreendidas posições identificadas com sentidos já estabilizados sobre o ser docente, sentidos que capturam enunciados ditos em momentos anteriores e apontam para uma condição de sofrimento patrocinada pela desvalorização docente, pelo descaso presente nas políticas públicas para a área e pela inflação de tarefas e de exigências, reverberam efeitos de sentidos de docência autônomo-afetiva e amor pela profissão. Observa-se ainda tensão entre efeitos de sentido de peso, culpa e desafio que ressoam nos dizeres, (d)enunciando violências sofridas contra a profissão, algo que extravasa a ordem do social e, por vezes, se reveste de traços patológicos, materializando-se nos discursos como um “pseudo” pertencimento – os professores permanecem porque gostam, mas não gostam do modo como permanecem.

PALAVRAS-CHAVE: Análise de Discurso. Mal-estar Docente. Permanência. Michel Pêcheux.

